

urnas

Esquerda já não assusta banqueiro

O mercado financeiro
reage e até fica
“nervoso”, sempre
que as pesquisas
indicam o
crescimento dos
candidatos alinhados
com as esquerdas



O presidente da Federação Brasileira de Bancos (Febraban), Léo Cochrane, não acredita que os empresários possam deixar o País caso vença as eleições um candidato de esquerda. “Todos vão ficar porque o eleito, seja quem for, terá de governar conforme a Constituição e em conjunto com o Congresso, que tem um perfil conservador”, afirmou em palestra na Federação das Associações Comerciais do Rio Grande do Sul (Fede-rasul), em Porto Alegre.

Mesmo com essa certeza, Cochrane admitiu que o mercado financeiro fica “nervoso” sempre que as pesquisas apontam crescimento dos candidatos de esquerda. “Em tempo de inflação alta são comuns essas variações nas cotações do dólar e ouro, sempre que acontecem fatos novos no cenário político”, completou. Ele não acredita em qualquer mudança na área econômica, prevendo a continuação de inflação e juros altos até a votação do segundo turno.

O presidente da Febraban foi convidado a falar sobre as expectativas dos banqueiros sobre o novo Governo. Mas não deixou de analisar a candidatura Sílvio Santos, classificada como “fato novo”, no quadro sucessório. “Ele é maior de idade e se a legislação permite, tudo bem. Mas ele deve saber que corre riscos em relação aos demais candidatos, que estão com campanha nas ruas há vários meses”, argumentou.

Segundo ele, é fundamental a “interferência” do candidato eleito nos rumos da economia logo após o resultado do segundo turno. Defende a proposta de que o presidente eleito, mesmo antes da posse, passe a indicar alguns caminhos para baixar a inflação e reduzir o déficit público.

Cochrane afirmou que não há nem como imaginar uma moratória da dívida interna. Ele tem certeza de que isso não acontecerá seja qual for o presidente eleito, pois, conforme argumentou, a dívida é que continua financiando o Governo. Perguntou de onde o Governo tiraria recursos caso deixasse de pagar e não fosse mais financiado pelas instituições financeiras e também pelas empresas.